



DECRETO N.º 5035, DE 4 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de Dezembro de 1.969.

D E C R E T A :

ARTIGO 1.º — Ficam denominadas:

I — AVENIDA PAULO PROVENZA SOBRINHO a continuação da Avenida 2 do Jardim Campos Eliseos que começa na citada Avenida Paulo Provenza Sobrinho e termina na divisa com a Fazenda Roseira;

II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 do Jardim-Campos Eliseos que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento;

III — RUA FLORIANOPOLIS a Rua 2 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Estrada de Campo Grande;

IV — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 3 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;

V — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 4 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;

VI — RUA CURITIBA a Rua 5 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Rua 33 do Jardim-Campos Eliseos;

VII — RUA CUIABÁ a Rua 6 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;

VIII — RUA VITÓRIA a Rua 7 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;

IX — RUA GOIANIA a Rua 8 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;

X — RUA BELO HORIZONTE a Rua 9 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;

XI — RUA RECIFE a Rua 10 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;

XII — RUA NATAL a Rua 11 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XIII — RUA MACEIO a Rua 12 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XIV — RUA FORTALEZA a Rua 13 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XV — RUA SÃO LUÍS a Rua 14 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XVI — RUA TERESINA a Rua 15 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XVII — RUA MANAUS a Rua 16 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XVIII — RUA ARACAJU a Rua 17 que começa na Rua 10 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;

XIX — RUA MACAPÁ a Rua 18 que começa na Rua 9 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;

XX — RUA RIO BRANCO a Rua 19 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;

XXI — RUA PORTO VELHO a Rua 20 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;

XXII — RUA BOA VISTA a Rua 21 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;

XXIII — RUA JOÃO PESSOA a Rua 22 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;

XXIV — RUA EXPEDICIONARIO MARIO RIBEIRO DO AMARAL a Rua 25 continuação que começa na Rua do mesmo nome e termina na Rua 9 do mesmo loteamento;

XXV — RUA FRANCISCO FERREIRA PIRES a Rua 31, continuação da Rua 33 do Jardim Campos Eliseos que começa na Rua do mesmo nome e termina na divisa com a Fazenda Roseira.

ARTIGO 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 4 de janeiro de 1977.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos por Carlos Roberto M. Guimarães, Coordenador Administrativo do Setor de Expediente da Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protoc. 17053 de 1 de Julho de 1.976 e, publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 4 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELLI

R E T I F I C A Ç Ã O

DECRETO N.º 5035, DE 4 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a vias públicas da cidade de Campinas.

LEIA-SE NOVAMENTE O ITEM II DO ARTIGO 1.º POR TER SAÍDO COM INCORREÇÕES:

"II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 da Vila Perseu Leite de Barros que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento"

Campinas, 5 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELLI
Chefe do Gabinete do Prefeito

DECRETO N.º 5238, DE 4 DE OUTUBRO DE 1977

Dá nova redação ao artigo 1.º do Decreto n.º 5.035, de 4 de janeiro de 1.977, que denominou vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando de suas atribuições legais,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — O artigo 1.º do Decreto n.º 5.035, de 4 de janeiro de 1977, que denominou vias públicas da cidade de Campinas, passa a ter a seguinte redação:

"Artigo 1.º — As vias públicas do loteamento denominado "VILA PERSEU LEITE DE BARROS", ficam denominadas:

I — AVENIDA PAULO PROVENZA SOBRINHO a continuação da Avenida 2 do Jardim Campos Eliseos que começa na citada Avenida Paulo Provenza Sobrinho e termina na divisa com a Fazenda Roseira;

II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 da Vila Perseu Leite de Barros que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento;

III — RUA FLORIANOPOLIS a Rua 2 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Estrada de Campo Grande;

IV — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 3 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;

V — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 4 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;

VI — RUA CURITIBA a Rua 5 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Rua 24 do mesmo loteamento;

VII — RUA CUIABÁ a Rua 6 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;

VIII — RUA VITÓRIA a Rua 7 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;

IX — RUA GOIANIA a Rua 8 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;

X — RUA BELO HORIZONTE a Rua 9 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;

XI — RUA RECIFE a Rua 10 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;

XII — RUA NATAL a Rua 11 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XIII — RUA MACEIO a Rua 12 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XIV — RUA FORTALEZA a Rua 13 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XV — RUA SÃO LUÍS a Rua 14 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XVI — RUA TERESINA a Rua 15 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XVII — RUA MANAUS a Rua 16 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;

XVIII — RUA ARACAJU a Rua 17 que começa na Rua 10 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;

XIX — RUA MACAPÁ a Rua 18 que começa na Rua 9 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;

XX — RUA RIO BRANCO a Rua 19 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;

XXI — RUA PORTO VELHO a Rua 20 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;

XXII — RUA BOA VISTA a Rua 21 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;

XXIII — RUA EXPEDICIONARIO MARIO RIBEIRO DO AMARAL a Rua 22 que começa na rua de mesmo nome do Jardim Campos Eliseos e termina na Rua 9 da Vila Perseu Leite de Barros;

XXIV — RUA FRANCISCO FERREIRA PIRES a Rua 23 que começa na rua de mesmo nome do Jardim Campos Eliseos e termina na Rua 9 da Vila Perseu Leite de Barros;

XXV — RUA NITEROI a Rua 24, continuação da Rua 33 do Jardim Campos Eliseos que começa na Rua Ciolfi e termina na Rua 10 da Vila Perseu Leite de Barros".

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 3 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. RALPH TORTIMA STETTINGER
Secretário dos Negócios Jurídicos
Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 17.053, de 1.º de julho de 1976, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 3 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA SÃO LUIZ



É linda a cidade de São Luís, capital do Maranhão, situada no chamado Golfão maranhense, onde desembocam os rios Mearim - Pindaré, Otapecuru e Munim.

Leões e o Largo do Ribeirão, conjunto arquitetônico colonial, mandado construir em 1796 pelo governador Fernando de Noronha.

Bom acervo arquitetônico é encontrado ali, e o turista vai se encantar com o azulejos das fachadas de muitos antigos prédios. Vieram de Portugal e são muito bonitos. São Luís foi fundada em 1612 pelos franceses Daniel de La Touche, senhor de La Ravardiére, e François de Rasily e Aunelles, ambos chefes de expedição que deveria instalar uma colônia francesa em terras nacionais. Em homenagem ao rei Luís XIII, e à rainha-mãe Maria de Médicis, deram o nome de São Luís a um forte, e de Santa Maria ao porto.

Como atrações para turistas que desejem "souvenirs" estão as peças de artesanato em fibras de tucum, buriti, linha, e os cestos e colares feitos pelos índios. Muito interessantes os bonecos de bumba-meu-boi e cerâmicas do Rosário. Para os "gourmets" são irresistíveis o peixe frito, as caldeiradas e tortas de caranguejo e camarão, o arroz de jaçanã, acompanhados de licores e batidas de frutas regionais.

Muitos velhos prédios já foram tombados pelo Iphan, e dentre eles, as casas onde moraram Graça Aranha e Aluizio de Azevedo, e outra em que nasceu o famoso poeta Catulo da Paixão Cearense. O turista inteligente não deixa de visitar o Museu Histórico e Artístico; o Museu do Negro; o Palácio dos

(Extraído de "Conheça as Ilhas Brasileiras", da Seção de Turismo do jornal "Correio Popular", em seu suplemento dominical "Domingo Mulher", do dia 06-junho-1982)

RUA SÃO LUIS

SÃO LUIS



(Extraído de fis. 138 e 139 do "Almanaque Abril de 1982" da Editora Abril Ltda. S.P)

Habitante: são-luiseño. Unidade da Federação: Maranhão. Latitude: 2°33'00"S. Longitude: 44°18'00"O. Altitude: 4 m. Área: 519 km². População residente: 449 877 (1980). Densidade demográfica: 868,4 habitantes por km². Prefeito: Roberto de Pádua Macieira.

Receita da União (arrecadada no município): Cr\$ 199 017 766,97 (1980). Receita do Estado (arrecadada no município): Cr\$ 172 593 293,49 (1980). Receita prevista da Prefeitura: Cr\$ 344 777 000,00 (1981). Despesa fixada da Prefeitura: Cr\$ 2 311 000 000,00 (1981). Despesa realizada da Prefeitura: Cr\$ 1 110 138 083,14 (1980).

Principais atividades econômicas: indústrias de transformação e comércio de gêneros alimentícios, tecidos em geral, ferragens, eletrodomésticos, armários, calçados e medicamentos. Empresas estabelecidas: 5 584 (1979). Cooperativas: não há (1975). Agências bancárias: 21 (1979).

Alunos: 447 alunos matriculados em 271 unidades escolares de 1.º grau (1974); 17 843 alunos matriculados em 104 unidades escolares de 2.º grau (1974); 5 439 alunos matriculados (1974) em 1 universidade e 1 federação de escolas (1980). Bibliotecas públicas: 1 (1974).

Escritórios: 18 (1977). Médicos: 383 (1974). Leitos: 2 430 (1975).

Veículos licenciados: 23 351 (1979). Transporte ferroviário: Estrada de Ferro São Luís—Teresina. Rodovias federais: BR-135. Aeroportos: 1 (1975). Cinemas: 12 (1980). Teatros: 2 (1979). Emissoras de radiodifusão: 5 (1978). Emissoras de televisão: 2 (1979). Jornais: 5 diários (1978). Hotéis: 15 (1979). Telefones: 17 725 (1978).

São Luís, capital do Maranhão, está situada no litoral ocidental da ilha de São Luís, no chamado Golfo Maranhense, no qual desembocam os rios Mearim, Pindaré, Itapecuru e Munim. Conhecida por seu bem preservado acervo arquitetônico, a cidade não se destaca como centro comercial ou industrial. Na verdade, apesar de deter 70% da produção industrial do Maranhão, não possui mais do que alguns estabelecimentos artesanais e empresas de beneficiamento de babaçu, arroz e outros produtos agrícolas, e fábricas de sabão, que não conseguem absorver a mão-de-obra local. Com o objetivo de estimular a implantação de pequenas e médias indústrias, foi criado o Distrito Industrial n.º 1 de São Luís, situado numa área de 3 018 ha, a 18 km do porto de Itaqui e do futuro terminal exportador siderúrgico, que escoará o minério da serra dos Carajás. Em termos comerciais, São Luís exerce influência apenas sobre sua área. No entanto, por trás de sua beleza colonial imponente, a cidade esconde uma população em baixíssimas condições de vida. Em 1979, a cidade tinha mais de 400 mil habitantes, dos quais 150 mil eram favelados — ou seja, 17 mil famílias residiam em palafitas ou submoradias. Diante desse quadro, foi lançado, no mesmo ano, o Promorar/São Luís, que pretende a longo prazo assistir aos favelados. De todas as capitais do Brasil, São Luís foi a única criada pelos franceses. Foi fundada em 8 de setembro de 1612 por Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, e François de Rasily, senhor de Rasily e Aunelles, chefes da expedição francesa incumbida de instalar uma colônia além da linha equinocial. O forte e o ancoradouro receberam os nomes de São Luís e porto de Santa Maria, em homenagem a Luís XIII e à rainha-mãe Maria de Médicis. A 1.º de novembro de 1612, os índios que habitavam a região juraram fidelidade ao rei da França. Dois anos mais tarde, Jerônimo de Albuquerque, chefe da expedição para a conquista do Maranhão, venceu franceses e índios na batalha de Guaxenduba. Além disso, o casamento contratado entre Luís XIII e a princesa Ana da Áustria levaria a França a se desinteressar da colônia; diante da falta de recursos, Daniel de La Touche não teve outra saída senão capitular formalmente, a 3 de novembro de 1615, entregando o forte de São Luís ao general Alexandre Moura. Dessa forma, São Luís entrou para a comunidade colonial portuguesa e, em 1621, tornou-se sede da capitania do Maranhão. O período de paz por que passou a região viu-se interrompido em 1641, quando dezoito navios holandeses, transportando 2 mil homens e comandados pelo almirante Jan Cornelizoon Lichtard, aportaram no Maranhão. Não obstante as desesperadas tentativas dos capitães Francisco de Carvalho e Paulo Avelar e do artilheiro Matias João, o governador Bento Maciel Parente, impossibilitado de resistir, rendeu-se. Em setembro de 1642, sublevaram-se os maranhenses, sob as ordens do capitão Antônio Muniz Barreiros Filho, que morreu na luta. A glória da expulsão dos invasores coube ao capitão Antônio Teixeira de Melo que retomou a cidade em 28 de fevereiro de 1644.

Integrada ao comércio português, São Luís destacou-se, inicialmente, como centro exportador de açúcar e, a partir do início do século XIX, de algodão. No

entanto, alguns anos depois, surgiram os primeiros sinais de decadência. Com a regressão das culturas de algodão e cana-de-açúcar, a economia maranhense abandonou a sua base agrícola e voltou-se para exploração vegetal, especialmente do coco de babaçu e da cera de carnaúba. Nem mesmo a construção da Estrada de Ferro São Luís—Teresina e a expansão da cultura do arroz puderam evitar a queda no ritmo de crescimento da cidade. A exportação de arroz passou a ser feita por estradas de rodagem, diminuindo a atividade do porto de São Luís, e a falta de rodovias convenientes isolou, até há pouco tempo, a cidade do resto do país.

RUA SÃO LUIZ



São Luís do Maranhão, a lenda e a realidade

A cidade de São Luís do Maranhão cheira a cravo, como lembra o senador José Sarnel, reiterando as palavras de um navegador português do século 18, Simão Estácio da Silveira. Concluindo, o senador maranhense afirma que ali "o mistério, a história e a lenda dançam juntos". Parece ser verdade, e o desenhista Tom Maia, com a ajuda da escritora Tereza Regina de Camargo Maia, logo tratou de prestar, também, — sua homenagem não só à cidade como ao Estado, publicando o livro "Velho Maranhão" (Exped-Expressão Editorial, 147 páginas); uma luxuosa edição mostrando aspectos, ruas e construções famosas da cidade.

Prefaciado por Gilberto Huber, o livro é apresentado por Sarnel e introduzido pelo escritor Josué Montello, de uma forma elegiaca, como convém aos orgulhosos maranhenses. Para Montello, São Luís é "a cidade dos azulejos e dos intelectuais" e, portanto, parece justa a extensa lista de nomes lembrados por Josué, que inclui desde Odorico Mendes, tradutor de Virgílio e Homero, a Joaquim Gomes de Souza. Afinal, São Luís tornou-se conhecida como a "Atenas brasileira".

O romancista e jornalista Antônio Lobo, como recorda Montello, num pequeno livro publicado em São Luís no início do século, procurou encontrar, para o milagre intelec-

tual do Maranhão, uma explicação de ordem científica. Não encontrou, propriamente, tal explicação, mas nem por isso deixaram de nascer, na cidade, grandes nomes da literatura, das artes plásticas, da política e da música brasileiras.

A cidade, entretanto, é mais conhecida pelos turistas pelas dezenas de igrejas históricas. Já no século 19, quando George Gardner andou pelo Maranhão, contou nada menos que 85 delas, para uma população que, na época, não chegava a 30 mil pessoas.

Fundada em 1612 pelo francês La Ravardiére, São Luís do Maranhão expandiu-se até a ponta do São Francisco, durante a administração de José Sarnel, recuperando os antigos nomes de suas ruas quando Pedro Nelva de Santana era administrador municipal — Rua da Palma, Rua da Inveja, Largo dos Amores, para lembrar apenas alguns deles. A maioria das construções ainda conserva as características que tornaram a cidade conhecida, como os azulejos coloniais e as amplas varandas internas, cujas paredes, abaixo dos peitoris das janelas de vidraças coloridas, abrem-se em largas venezianas.

O livro de Tom Maia e Tereza Regina de Camargo Maia procura resgatar, através dos desenhos de ruínas e sobrados de São Luís, a memória de uma cidade onde nasceram intelectuais como Humberto de Campos e Antônio Gonçalves Dias. — A.G.F.

(Extraído da "Folha de S. Paulo", de 01-janeiro-1982)



S Ã O L U I Z

História das capitais

A cidade do rei da França

8 de setembro de 1612. Acabavam os franceses de implantar a cruz na ilha do Maranhão, sinal da posse das terras. Em seguida, a artilharia do forte e dos navios ancorados na baía encheu os ares enquanto o padre abençoa a cruz.

O sonho de se construir essa nova França em terras brasileiras começou quando Portugal ficou sob o domínio da Espanha. Em 1594, liderando três caravelas, Jacques Riffault partia para realizar aquele sonho. Entretanto, o naufrágio do navio principal e os desentendimentos entre os tripulantes resultaram no fracasso da empresa. Muitos dos viajantes regressaram à terra natal; outros, porém, preferiram ficar no Brasil, onde se tornaram amigos dos índios. Tempos depois, um deles — Charles Des Vaux — viajou até à França para narrar ao rei Henrique VI tudo o que Charles havia descoberto no novo mundo. Interessadíssimo, o rei, então, mandou Daniel De la Touche para comprovar até que ponto aquelas informações eram verdadeiras. Quando Daniel retornou de viagem, o rei já estava morto e, por uns tempos, não mais se falou do assunto.

Só em 1611, quando governava Luís XIII é que se formou outra expedição que, partindo em março de 1612, chegou, em agosto, às costas do Maranhão. Ali, contando com a amizade dos índios, os franceses construíram uma fortaleza à qual deram o nome de São Luís em homenagem ao rei da terra deles.

Logo, os portugueses souberam do acontecimento. Assim, em 1614, uma pequena expedição comandada por Jerônimo de Albuquerque saiu para

expulsar os invasores. Chegando ao Maranhão, em Jericoaquara, Jerônimo mandou construir um forte de pau-a-pique sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e ali deixou 40 soldados montando guarda. Em seguida, próximo à Ilha de São Luís, construiu outro forte: o de Santa Maria, e iniciada a luta, foi a vitória favorável aos portugueses. Diante disso, assinou-se uma trégua de um ano enquanto, na Espanha, procuravam resolver a situação dos franceses no Maranhão.

Suspensa a trégua, Jerônimo de Albuquerque e Alexandre de Moura atacaram os franceses por terra e mar. Assim, a 3 de dezembro de 1615, De la Ravardiére é derrotado, entregando o forte aos vencedores que o rebatizam com o nome de Forte de São Filipe, mas à vila conservam o nome de São Luís.

Foi Jerônimo de Albuquerque nomeado capitão-mor, e a vila conheceu certa prosperidade. Até que, em 1641, dezolito navios holandeses com dois mil homens comandados pelo almirante Lichthardt desembarcaram nas praias de Desterro e, durante três anos, lutaram, na tentativa de conquistar o Maranhão. Só em 1644 que foram os holandeses definitivamente expulsos.

Outras lutas viriam a perturbar a paz maranhense: a dos jesuítas contra os colonos, procurando libertar os índios escravizados; a de Bequimão e Batatada.

Hoje, após tantos conflitos, tendo atingido um grande desenvolvimento, São Luís, a Cidade dos Azulejos, é uma autêntica cidade brasileira apesar de consagrada a um rei francês. E, sem dúvida, é uma das mais progressistas cidades do norte do país.



S Ã O L U I Z

História das capitais

A cidade do rei da França

8 de setembro de 1612. Acabavam os franceses de implantar a cruz na ilha do Maranhão, sinal da posse das terras. Em seguida, a artilharia do forte e dos navios ancorados na baía encheu os ares enquanto o padre abençoava a cruz.

O sonho de se construir essa nova França em terras brasileiras começou quando Portugal ficou sob o domínio da Espanha. Em 1594, liderando três caravelas, Jacques Riffault partia para realizar aquele sonho. Entretanto, o naufrágio do navio principal e os desentendimentos entre os tripulantes resultaram no fracasso da empresa. Muitos dos viajantes regressaram à terra natal; outros, porém, preferiram ficar no Brasil, onde se tornaram amigos dos índios. Tempos depois, um deles — Charles Des Vaux — viajou até à França para narrar ao rei Henrique VI tudo o que Charles havia descoberto no novo mundo. Interessadíssimo, o rei, então, mandou Daniel De la Touche para comprovar até que ponto aquelas informações eram verdadeiras. Quando Daniel retornou de viagem, o rei já estava morto e, por uns tempos, não mais se falou do assunto.

Só em 1611, quando governava Luís XIII é que se formou outra expedição que, partindo em março de 1612, chegou, em agosto, às costas do Maranhão. Ali, contando com a amizade dos índios, os franceses construíram uma fortaleza à qual deram o nome de São Luís em homenagem ao rei da terra deles.

Logo, os portugueses souberam do acontecimento. Assim, em 1614, uma pequena expedição comandada por Jerônimo de Albuquerque saiu para

expulsar os invasores. Chegando ao Maranhão, em Jericoaquara, Jerônimo mandou construir um forte de pau-a-pique sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e ali deixou 40 soldados montando guarda. Em seguida, próximo à Ilha de São Luís, construiu outro forte: o de Santa Maria, e iniciada a luta, foi a vitória favorável aos portugueses. Diante disso, assinou-se uma trégua de um ano enquanto, na Espanha, procuravam resolver a situação dos franceses no Maranhão.

Suspensa a trégua, Jerônimo de Albuquerque e Alexandre de Moura atacaram os franceses por terra e mar. Assim, a 3 de dezembro de 1615, De la Ravardiére é derrotado, entregando o forte aos vencedores que o rebatizam com o nome de Forte de São Filipe, mas a vila conservam o nome de São Luís.

Foi Jerônimo de Albuquerque nomeado capitão-mor, e a vila conheceu certa prosperidade. Até que, em 1641, dezolito navios holandeses com dois mil homens comandados pelo almirante Lichthardt desembarcaram nas praias de Desterro e, durante três anos, lutaram, na tentativa de conquistar o Maranhão. Só em 1644 que foram os holandeses definitivamente expulsos.

Outras lutas viriam a perturbar a paz maranhense: a dos jesuítas contra os colonos, procurando libertar os índios escravizados; a de Bequimão e Batalada.

Hoje, após tantos conflitos, tendo atingido um grande desenvolvimento, São Luís, a Cidade dos Azulejos, é uma autêntica cidade brasileira apesar de consagrada a um rei francês. E, sem dúvida, é uma das mais progressistas cidades do norte do país.

RUA SÃO LUIZ



São Luís do Maranhão, a lenda e a realidade

A cidade de São Luís do Maranhão cheira a cravo, como lembra o senador José Sarnet, reiterando as palavras de um navegador português do século 18, Simão Estácio da Silveira. Concluindo, o senador maranhense afirma que ali "o mistério, a história e a lenda dançam juntos". Parece ser verdade, e o desenhista Tom Maia, com a ajuda da escritora Tereza Regina de Camargo Maia, logo tratou de prestar, também, — sua homenagem não só à cidade como ao Estado, publicando o livro "Velho Maranhão" (Exped-Expressão Editorial, 147 páginas), uma luxuosa edição mostrando aspectos, ruas e construções famosas da cidade.

Prefaciado por Gilberto Huber, o livro é apresentado por Sarnet e introduzido pelo escritor Josué Montello, de uma forma elegiaca, como convém aos orgulhosos maranhenses. Para Montello, São Luís é "a cidade dos azulejos e dos intelectuais" e, portanto, pareceu a extensa lista de nomes lembrados por Josué, que inclui desde Odorico Mendes, tradutor de Virgílio e Homero, a Joaquim Gomes de Souza. Afinal, São Luís tornou-se conhecida como a "Atenas brasileira".

O romancista e jornalista Antônio Lobo, como recorda Montello, num pequeno livro publicado em São Luís no início do século, procurou encontrar, para o milagre intelec-

tual do Maranhão, uma explicação de ordem científica. Não encontrou, propriamente, tal explicação, mas nem por isso deixaram de nascer, na cidade, grandes nomes da literatura, das artes plásticas, da política e da música brasileiras.

A cidade, entretanto, é mais conhecida pelos turistas pelas dezenas de igrejas históricas. Já no século 19, quando George Gardner andou pelo Maranhão, contou nada menos que 85 delas, para uma população que, na época, não chegava a 30 mil pessoas.

Fundada em 1612 pelo francês La Ravardiére, São Luís do Maranhão expandiu-se até a ponta do São Francisco, durante a administração de José Sarnet, recuperando os antigos nomes de suas ruas quando Pedro Neiva de Santana era administrador municipal — Rua da Palma, Rua da Inveja, Largo dos Amores, para lembrar apenas alguns deles. A maioria das construções ainda conserva as características que tornaram a cidade conhecida, como os azulejos coloniais e as amplas varandas internas, cujas paredes, abaixo dos peltoris das janelas de vidraças coloridas, abrem-se em largas venezianas.

O livro de Tom Maia e Tereza Regina de Camargo Maia procura resgatar, através dos desenhos de ruínas e sobrados de São Luís, a memória de uma cidade onde nasceram intelectuais como Humberto de Campos e Antônio Gonçalves Dias. — A.G.F.

(Extraído da "Folha de S. Paulo", de 01-janeiro-1982)